

O NASCIMENTO

(mais conteúdo em pedro-nunes.com)

Na noite em que nasceu Celeste, o inverno vociferava um vento gélido, insuportável, capaz de esfriar a vida à estagnação. Foi, aliás, esse frio toque, o seu primeiro contacto com o mundo exterior. Começara a vida no ventre da mãe; onde, de resto, teria permanecido com agrado, perfeitamente inconsciente da existência de outra realidade além das mucosas e humidades maternas, não fosse a incomensurável força que a expulsou, naquela noite, por mais que ela procurasse resistir. “*Não tinha ainda grandes forças...*”, explicou ela, uma vez, numa atividade escolar que envolveu as professoras e as turmas da primária. Os rostos oscilavam entre a indiferença – dos seus colegas – e o sarcasmo e desdém – das professoras –, mas Celeste, entregue de coração à tarefa de narrar a sua (então ainda curta) vida, tresloucada por aquele fulminante momento em que o seu corpo foi expulso do de sua mãe, nem sequer reparava. Só retornou à colorida sala, quando a voz de uma das professoras quebrou a ilusão da memória vivida, com uma pergunta que lhe pareceu, de todos os ângulos, absolutamente ridícula. Perguntou-lhe a professora “*mas como é que te lembras disso?*”, e despertou o riso geral entre as adultas, inclusive as funcionárias que, entretanto, se tinham acumulado à entrada da sala para ouvir o seu relato.

Há que ter em conta que, até este singular momento, nunca tinha ocorrido a Celeste que alguém pudesse viver sem se recordar do seu próprio nascimento. Afinal, bem vistas as coisas, seria de pensar que um acontecimento de tal forma marcante, de tal forma traumatizante, não fosse facilmente apagado da memória. Para Celeste, aquele primeiro vislumbre do mundo que, não o olhar, mas a sua pele tinha feito, ao absorver, sedento, o gélido vento de inverno, tinha-a marcado como nada mais. Toda a sua vida (curta, é certo) era fundamentalmente reduzível àquela primeira sensação, àquele deslumbrante e aterrador segundo. É só no íntimo deste contexto que se pode compreender a resposta que Celeste articulou à professora; mas, claro está, a professora e as restantes adultas naquele espaço – as crianças estavam, na sua maioria, abstraídas desta situação – não conheciam Celeste com tamanho detalhe que lhes permitisse executar esse salto argumentativo. Foi por isso que o riso, já então apaziguado em todas elas, voltou a irromper como um feroz lince sobre a presa distraída, quando Celeste, desconcertada, perguntou “*então, se não me lembrasse, como poderia saber que tinha nascido?*”

Não obstante os risos, nos quais participou, a professora Alzira, de imediato, sentiu-se atravessada por uma hesitação. Nunca o admitiria, muito menos às suas colegas que se riam levianamente, embaladas por uma jubilosa satisfação, e durante anos manteve sigilo desse momento que a marcou, profundamente. Na verdade, não saberia precisar o que a envergonhara naquela hesitação, naquele súbito sobressalto que, embora não tivesse ultrapassado a rigorosa distância entre um segundo e o outro, acompanhou-a para o resto da vida como o fantasma de um amante perdido. Foi essa experiência que a levou a aproximar-se de Celeste, daquela atípica rapariga que parecia sempre, em igual medida, confortável no mundo e desenquadrada dele; parte integrante mas nunca integrada da realidade. Foi nesse dia, de resto, – em que Celeste declarou perante a turma que se recordava com detalhe do seu nascimento – que a amizade entre a jovem menina de oito anos e a inquieta professora de cinquenta se iniciou, quando, no final do dia, aguardava Celeste pela chegada da mãe, e Alzira rasgou o silêncio com uma pergunta “*lembras-te mesmo de nascer?*”. Celeste, ainda a digerir as novas possibilidades que se tinham aberto, com a descoberta do estado amnésico da humanidade, não respondeu logo, conferindo tempo ao seu precoce pensamento para compreender o que a professora realmente lhe perguntava; depois, respondeu “*Eu lembro-me de tudo.*”

A partir desse dia, e pelos quinze anos seguintes, Alzira, qual camaleão, metamorfoseou-se no que achou necessário para pertencer à vida de Celeste. Na escola, era a sua sombra, acompanhando-a constantemente e testando-a com perguntas, dia após dia, inquéritos pelos detalhes mais minuciosos de situações passadas, aos quais Celeste sempre correspondia, sempre recordava sem qualquer esforço ou hesitação. No resto do tempo, Alzira, ciente de que só pela mãe de Celeste teria uma porta de entrada para a vida pessoal da rapariga, começou por criar uma amizade com a progenitora, como um predador feroz e astuto, sem que, contudo, a motivasse qualquer desejo nefasto. O seu único desejo, a sua única motivação, era a de compreender aquele pequeno ser humano que tanto lhe aguçava a curiosidade. Assim, depois de criada a relação, não demorou a que comesse a acompanhá-las para todo o lado. Muitas vezes, aparecia de súbito na casa delas, sem qualquer pré-aviso ou convite, e prolongava a visita até que lhe oferecessem o jantar ou o almoço. Depois fingia adormecer, ou queixava-se de uma dor, uma aflição, qualquer estratagemas que lhe conferisse um momento mais na proximidade daquela criatura. Quando conseguia estender a estadia pela noite adentro, sentava-se no sofá, entre filha e mãe, como se fosse, não parte da família, mas uma peça de mobiliário ou um

quadro decorativo, um daqueles objetos que se preservam na invisibilidade ao tornarem-se parte do cotidiano, parte do irrefletido. Fechava, então, os olhos, envolvida na ternura dos sons daquele espaço familiar, e imaginava-se a prolongar indefinidamente cada segundo, como se as suas memórias até aquele momento fossem meras alucinações, criações de um cérebro fecundo, mas sem nada de verídico nelas. Era nesse momento que, num sussurro, chamava por Celeste – já tanto a menina como a mãe adormecidas – e, quando esta finalmente lhe respondia, enredada na neblina onírica, pedia-lhe que narrasse novamente o nascimento. A rapariga lá começava, quase num estado de piloto automático devido à quantidade de vezes que já repetira a mesma história, e era com essas palavras que Alzira caía nos braços de Morfeu.

Quinze anos mais tarde, Alzira faleceu. A sua morte ficou, de resto, envolta num enorme secretismo: foi o alerta dado pela própria Celeste que levou a polícia ao apartamento de Alzira, depois de vários dias ausentes de notícias; foi a polícia que descobriu o corpo, deitado na cama, num minúsculo apartamento com uma única divisão; foi a autópsia que revelou o cancro, já espalhado por todo o corpo, e sem que se chegasse a saber se era do conhecimento de Alzira ou não; e foi no funeral que Celeste se descobriu sozinha, sem que mais ninguém viesse despedir-se daquela estranha mulher.

Ora, por entre todos estes desenvolvimentos, é precisamente Celeste quem parece ter ficado para trás. Afinal, não sabemos ainda qual era, sequer, a disposição da jovem rapariga perante uma professora que se intrometeu na sua vida, apenas para falecer sem qualquer pré-aviso. Teremos, então, de retornar àquele singular momento, quando Celeste narrou o seu nascimento perante a escola; isto porque, esse momento, por entre toda esta narrativa, surge como o verdadeiro ponto de contato, um quiasma. Afinal, o que ouviu Alzira nas palavras de Celeste que, não só a fez afastar a possibilidade de toda a descrição se tratar somente de uma criatividade juvenil descontrolada, como a agarrou de tal forma que, daí, e até ao seu trágico fim, os seus segundos foram passados comprometidos com uma invulgar fixação com aquela rapariga? O nosso único ponto de entrada para este enigma, parece ser a extraordinária capacidade de recordação de Celeste, pois Alzira faleceu; e, com ela, partiram também as suas memórias e motivações, resguardadas por ninguém, como ficou simbolizado pelo vazio do seu funeral. Resta-nos, então, Celeste; o seu ponto de vista que, com alguma interpretação, talvez nos possa abrir caminhos para a compreensão.

“*então, se não me lembrasse, como poderia saber que tinha nascido?*”, foi a resposta de Celeste à pergunta de Alzira (“*mas como é que te lembras disso?*”). O riso despoletou depois e, por entre o riso, a atenção redobrada de Alzira. Celeste, no entanto, não sendo indiferente ao que dela pensavam e ao ver nos olhares femininos em seu redor o contágio de um certo desprezo, saiu da sala, em passo firme e aparentemente imperturbado, em direção ao espaço exterior, onde as crianças costumavam brincar no recreio. As mulheres, talvez conscientes de que cometiam uma espécie de crime com aquele riso coletivo, desviaram-se do caminho e deixaram-na passar, sem que sequer uma palavra fosse dita para a tentar consolar. De resto, só Alzira pareceu verdadeiramente incomodada: as empregadas voltaram às suas limpezas, rapidamente abstraídas da situação, e as restantes professoras invocaram uma nova criança para o papel de narrador, cuja história estava já longe das extravagâncias de Celeste.

Foi um ínfimo aperto no peito, um aflição silenciosa, prolongada por cinco minutos, que motivou suficientemente Alzira a levantar-se. “*Vou ver da Celeste*”, disse, mais para si do que para qualquer outra, e saiu também ela da sala, em direção ao recreio, mas ainda antes de sair do edifício, encontrou Celeste sentada na soleira da porta principal.

- “*Estás bem, Celeste?*” – Perguntou a professora, fulminando as costas dela com o olhar, mas incapaz de se aproximar mais do que os dois metros que as separavam, em igual medida deslumbrada e assombrada – “*Não fiques chateada... Ninguém se estava a rir de ti, é só... difícil de acreditar. Entendes?*”

O silêncio que se abateu não foi surpresa nenhuma; contudo, havia algo de desconcertante na forma como Celeste se sentava, como enquadrava o corpo e equilibrava as forças. Alzira, quanto mais a observava, mais consciência ganhava do estado de profundo nervosismo em que a rapariga parecia estar, como se cada membro, cada fibra, cada célula, estivesse num tal estado de rigidez, que os nervos, até ao olhar externo de Alzira, faziam com que o seu pequeno corpo crescesse, centímetro a centímetro, numa expansão inexplicável e aterradora.

- “*Celeste!*” – Gemeu Alzira, quase próxima de um grito, numa reação gutural à visão demoníaca.

A menina, amedrontada pela agonia na voz da professora, voltou-se subitamente. Claro está que, sendo apenas uma criança, ao observar a adulta que a fulminava de volta,

não imaginou que se tratasse de uma alucinação visual, nem sequer lhe atravessou o pensamento que um adulto pudesse assustar-se assim, pelo que, dentro das suas ainda limitadas opções, interpretou aquela reação como precursora de um castigo severo. Ora, Celeste era, em geral, uma criança bastante calma; os que a conheciam desde bebé, diziam até que nunca tinham visto uma criança assim. A mãe, por exemplo, desde cedo que perdeu qualquer constrangimento de trazer Celeste consigo, quando tinha recados a fazer, porque, em vez de desbaratar cada nova palavra que o seu cérebro fulminante criava, interrompendo tudo e todos, a rapariga preferia imiscuir-se no silêncio e escutar as conversas que os adultos partilhavam. Deslumbrava-a a maneira como eles eram capazes de comunicar, muitas vezes com palavras que ela nem compreendia, e sempre numa dinâmica impressionante de silêncios e sons, avanços e recuos, exaltações e reservas. A sua memória incomum, permitia-lhe fazer um paralelo com as suas recordações de aprender a caminhar, pois, quando ouvia os adultos falar, sentia-se precisamente na mesma posição: a distribuição do peso, o equilíbrio, o passo adiante, o passo atrás, a excitação, a hesitação – todos esses pormenores que tinham sido tão difíceis, primeiramente, de dominar, a capacidade dos adultos de comunicar parecia-lhe conter a mesma dinâmica, o mesmo frágil equilíbrio de forças. Ora, toda esta descrição teve em vista esclarecer que Celeste nunca dava razões para castigos; o que apenas exacerbou a perturbação despoletada pela expressão febril de Alzira.

- “*O que fiz eu?*” – Perguntou, por fim, sem conseguir evitar que a voz lhe tremesse e que os olhos se enchessem de lágrimas, perante o que interpretou como uma desgraça iminente.

Curiosamente, foi essa reação visceral de medo, ao chorarem-lhe os olhos, ao tremer-lhe a voz, que abriu caminho a que Alzira retornasse a si. Ao cair-lhe a consciência do que o seu cérebro conjugara ainda poucos segundos antes, do terror que aquele pequeno, frágil corpo lhe causara, cresceu-lhe um sorriso nos lábios, um riso na garganta, a que ela recorreu para aquecer a voz e expandir os braços.

- “*O que fizeste tu? Não fizeste nada! Só queria ter a certeza de que estavas bem!*” – A exclamação ecoou pelo corredor, e Alzira ouviu a sua própria voz a distorcer-se, com a distância – “*Então? Estás bem ou não estás?*”

A verdade é que, até ao grito que a impulsionou a voltar-se, Celeste nem se apercebera da presença da professora, de tal forma estava entretida a contemplar o

ambiente sereno do recreio e o silêncio que ali se preservava. Quer isto dizer que a interpretação que a professora fizera da situação, no interior da sala, ao presumir a saída de Celeste como uma fuga envergonhada, não correspondia de forma nenhuma à experiência da rapariga. É verdade que ela sentira algo desprezível nos olhares e risos, mas não havia a menor dúvida no seu pensamento de que as suas palavras eram sinceras e a sua pergunta, legítima. Por isso, mal se viu fora da sala, abandonou-a de imediato a sensação de desagrado que esse breve desprezo trouxera.

- “*Estou bem, professora.*” – Respondeu Celeste, e quase se seguiu um “*porquê?*” mas, no último momento, conteve-o e engoliu-o de volta, ainda sobressaltada com o grito e sem vontade de prolongar a conversa.

- “*Ainda bem, ainda bem...*” – Disse Alzira, estendendo as palavras como se a inquietação no seu espírito se atravessasse para a física do som.

Celeste voltou-se novamente para o recreio, e a visão das suas costas foi sugestiva o suficiente para que Alzira também sentisse a necessidade de se mover, retornando à sala, à falta de outro lugar para ir. De qualquer forma, o dia estava quase no fim, e não tardou a que os pais comessem a aparecer, um por um levando os seus respetivos filhos, com duas ou três palavras de conveniência pelo meio, distraidamente preocupados em saber se tudo tinha corrido bem. “*Sim, claro que sim! É tão bom menino!*” respondia sempre Alzira, ou então *menina*, se esse fosse o caso. Não é que fossem realmente sempre bons meninos ou meninas, mas, ao longo dos anos, apercebera-se que era a melhor resposta para encurtar aqueles momentos de interlúdio, entre a chegada dos pais e a partida dos miúdos. Como já sabemos, Alzira não tinha quem a aguardasse em casa, pois vivia sozinha, num apartamento minúsculo, com apenas uma janela, uma cama, uma casa de banho, uma cozinha, e tudo isto enclausurado na mesma divisão. Quando chegava a casa, a sua receção era feita pelo silêncio e pela escuridão, e habituara-se a esse cenário de tal forma que, muitas vezes, nem ligava a luz, nem ligava a televisão; aquecia o jantar no micro-ondas, sentava-se no sofá colado à parede e, por entre o silêncio, ouvia o casal vizinho que jantava todos os dias junto, a partilhar as histórias do dia, os eventos quotidianos. Quer isto dizer, portanto, que Alzira não acelerava as despedidas para chegar mais rapidamente a casa. O que verdadeiramente a motivava era o singular momento em que aquela sala barulhenta se calava, em que aquele espaço tão habituado a gritos, choros e tumultos, finalmente retornava ao que parecia ser o seu estado mais natural. Quando saía o último menino, a atmosfera do caos saía com ele, e o estático impunha-se sem demoras,

sem hesitações. O tempo estagnava e todos os significados, todas as finalidades e desígnios emudeciam, possibilitando uma realidade adversa à própria vida e muito mais próxima da morte.

- “*Professora?*”

Tivesse um monstro surgido e mostrado os seus violentos caninos num sorriso demoníaco, e Alzira não se teria assustado tanto, quanto se assustou com aquela voz fina e frágil da pequena Celeste. Os miúdos tinham realmente saído, a sala estava finalmente vazia; contudo, ninguém se voltara a lembrar de Celeste que, entretanto, ficara na soleira à espera da mãe que teimava em não aparecer.

- “*Meu deus, rapariga, ia morrendo aqui...*” – Disse Alzira, num tom de voz baixo, e sorriu com as próprias palavras – “*Então, a tua mãe ainda não veio?*”

A rapariga não respondeu, apenas abanou a cabeça e entrou na sala, dirigindo-se à cadeira mais próxima que encontrou para se sentar. Alzira – que, precisamente por não ter ninguém em casa à sua espera, era sempre a última a sair – compreendeu que teria também de aguardar até que a mãe da rapariga lá se lembrasse de aparecer. Assim, e ainda com as pernas a tremer com o susto, aproximou-se de Celeste e sentou-se ao seu lado. Ali ficaram alguns momentos em silêncio, até que Alzira enunciou, finalmente, a pergunta já referida anteriormente – “*lembras-te mesmo de nascer?*” – e a rapariga, a resposta também já mencionada – “*eu lembro-me de tudo.*”. O silêncio retornou, depois, por mais alguns momentos, com ambas a aparentar uma difícil digestão daquele breve diálogo. A Alzira, pelo menos, ponderava a extensão das consequências de alguém recordar todos os segundos da sua vida, sem qualquer intervalo ou salto, nem sequer para o próprio bem. Afinal – pensava ainda Alzira – se alguma coisa, o que ela preferiria, era poder escolher as memórias que permaneciam e as que caíam no esquecimento, de modo a ocultar de si mesma aqueles desagradáveis episódios com que todos invariavelmente se deparam, de uma forma ou de outra, e que o tempo parece apenas tornar mais amargos, mais azedos, mais cruéis até.

- “*De tudo?*” – Perguntou, por fim, vencida pela curiosidade.

- “*Sim.*” – Respondeu a rapariga – “*Pensei que os outros também se lembrassem...*”

- *“Que eu saiba, não... Pelo menos, nunca conheci ninguém assim.”* – Respondeu Alzira, apercebendo-se de que acreditava na rapariga, sem que fizesse qualquer ideia da razão de tal confiança – *“Como é, recordar tudo? Deve ser cansativo, não?”*

- *“É... é como qualquer outra coisa, acho eu.”* – Respondeu Celeste, depois de uma breve hesitação – *“Não é assim também, quando se esquece?”*

- *“Pois, suponho que sim.”* – Consentiu a professora, ao reconhecer que, tal como para si, para a rapariga aquela era a única realidade que conhecia.

Novamente, o silêncio cresceu, e ambas se enredaram nos seus próprios pensamentos. Para quem observasse de fora, a situação tinha uma dimensão cómica, pois ambas, progressivamente, iam expressando um ar mais sisudo, uma maior consternação que, apesar das semelhanças visuais, em nada se assemelhavam nos motivos. A Alzira, consternava-a, ainda, a possibilidade de um universo paralelo onde pudesse escolher as memórias que persistiam e as que se dissolviam; e permanecia num vivo debate sobre, se apenas pudesse abrir mão de umas quantas, quais seriam as que definitivamente não queria preservar. Já a Celeste, o dilema interno era profundamente diferente, ainda que, de certa forma, envolvesse também a faculdade da memória.

- *“Professora?”* – Alzira olhou a rapariga e acenou, com a cabeça, para que continuasse – *“Há uma coisa estranha.”*

- *“Uma coisa estranha?”*

- *“Sim...”* – A hesitação de Celeste apenas aguçou a curiosidade de Alzira que, agora, sentia estar a desocultar o verdadeiro centro das circunstâncias daquele atípico dia – *“Eu... eu acho que sei coisas que não devia saber.”*

- *“Como assim?”* – Perguntou Alzira, tomada por um alarme que lhe esfriou a curiosidade – *“Coisas más ou coisas boas?”*

- *“Bem... ambas. Mas não é bem isso. A mãe pediu-me para que não contasse a ninguém.”*

- *“Celeste, podes confiar em mim.”* – Afirmou Alzira, com a voz instintivamente quente, e pela primeira vez voltou o corpo em direção à rapariga que lhe pareceu, de súbito, indefesa – *“O que me disseres, fica só entre nós.”*

Antes de responder, Celeste ergueu o olhar e, no cruzamento com o da professora, sentiu um arrepio atravessar-lhe a espinha, como se a magnitude do pensamento que o seu cérebro tentava produzir fosse tal que a ultrapassasse completamente e ameaçasse. Por isso, não conseguiu conter o tremor na voz, a vibração no peito a oscilar as entradas e saídas de ar.

- *“Eu lembro-me de coisas... que não são minhas.”* – Disse, por fim.

- *“Tens memórias de outras pessoas?”* – Perguntou Alzira, sentindo algum alívio com o que lhe pareceu apenas uma confusão qualquer, na cabeça da rapariga – *“Se calhar são histórias que te contaram, ou então são memórias tuas mas que já aconteceram há muito tempo, e nem sabes que foste tu. Isso também me acontece! Às vezes, lembro-me de uma história qualquer e depois fico a pensar: mas isto aconteceu-me ou foi alguém que me contou?”* – Riu-se, abertamente, esperando assim diminuir o visível desconforto de Celeste.

- *“Não é isso... E também não são bem memórias.”* – A sinceridade espelhada no rosto da menina fez Alzira novamente confiar, sem a menor dúvida, nas palavras dela, mas conseguia vislumbrar o esforço com que ela tentava encontrar o melhor modo de descrever o que sentia, aparentemente sem sucesso.

- *“Então, o que é?”* – Perguntou a professora.

- *“Por exemplo...”* – Celeste voltou a cruzar olhares com a professora. Desta vez, contudo, assombrada pelo que estava prestes a dizer, rasgou ferozmente aquele contato íntimo, embora simples, e reservou o seu foco para o chão de madeira – *“Eu... Por exemplo, eu sei que a professora está a morrer.”*

A vida parece, até certa extensão, adquirir a sua individualidade através das memórias. O ser humano pensa, sente, faz – mas, fundamentalmente, todas essas faculdades parecem convergir na capacidade unificante da memória; pois é nesse recordar que cada um se encontra, e de onde parte para imaginar futuros possíveis. Não se recorda o humano de tudo, é verdade, contudo também não precisa, porque por entre essa imensidão de experiências, são poucos os momentos fundacionais que verdadeiramente alicerçam a peculiar interpretação que cada um faz da realidade. Uma vez obtidas umas quaisquer leis gerais, com as quais tentamos ordenar o mundo, o que de resto experienciamos vem, ou corroborar, ou refutar essas mesmas leis. O exercício humano

parece, assim, ser um de especial violência; afinal, chegamos ao mundo sem nada saber dele, e sem uma divindade que nos ofereça a sabedoria plena, mas coagidos por uma necessidade de segurança e sobrevivência, procuramos leis, regras, ordens. Baseamo-las na realidade, naquilo que vivemos no quotidiano, mas é ainda esse mesmo quotidiano que, mais tarde ou mais cedo, nos refuta; como se tirasse um prazer perverso em ver-nos deambular cegos, de mãos estendidas, na busca por algo firme que acaba sempre por se revelar ilusório. Ora, Alzira, ao longo dos seus cinquenta anos de vida, tinha experienciado determinadas vivências cuja memória nunca mais a deixara, acompanhando-a em cada decisão com que se foi deparando, cada julgamento correto ou errado, cada medo, cada esperança. A primeira destas, teria menos de dez anos, fora a de um primo que, por entre risos, saltos e berros, esmagou um caracol mesmo à sua frente, pegou nos bocados de casca, e arremessou-os enquanto ela fugia, em puro terror. Pensar-se-á que o trauma adveio de se tratar do primeiro confronto com a morte, mas não; poucos meses antes, Alzira vira o avô morrer, à sua frente, com um ataque cardíaco a meio de um jantar de família. A mãe, depois do sucedido, tentara explicar-lhe que, por vezes, as pessoas morrem assim, como se nada fosse. Não a tentou convencer com imagens de um além paradisíaco porque nem ela própria acreditava, mas disse-lhe que as pessoas *partiam, como quando vão de viagem*. Alzira achou estranho que alguém fosse viajar e deixasse o corpo para trás, mas, de resto, a morte nem lhe pareceu um drama assim tão trágico. Ora, a diferença entre o avô e o caracol estava, precisamente, nessa dimensão trágica. Afinal, no caso do pequeno ser mucoso esborrachado pelo primo, havia uma injustiça latente que, aparentemente, nunca seria compensada; até os pais se riram, quando lhes contou, entre lágrimas, o sucedido. O avô morreria velho, com dificuldades de mobilidade e entre constantes queixumes de dor e cansaço; já o caracol morreria, tanto quanto Alzira sabia, no auge da sua juventude, com a destreza e velocidade que lhe permitiam fazer o que quer que fosse que os caracóis faziam. Este argumento, que foi magnificamente articulado por uma rapariga de tão tenra idade, em resposta à pergunta do pai “*mas um caracol é lá razão para ficares assim?*”, gerou gargalhadas ainda mais poderosas por parte dos membros da família, remetendo Alzira a um silêncio perturbante que não mais a abandonou. Foi, na verdade, nesse silêncio incomodativo que se estruturou a tal memória, com tudo o resto a servir apenas de contexto.

Poderá parecer que esta viagem temporal tenha sido inserida num momento inapropriado. Afinal, estávamos envolvidos, ainda há pouco, no algo bizarro diálogo entre

Celeste e Alzira. No entanto, só com esta referência à infância de Alzira é que, porventura, se entenderá o quão marcante foi a declaração de Celeste para ela. Não pela sentença de morte em si, pois – ficamos nós agora esclarecidos em relação a este assunto – Alzira já a sabia, e já há alguns meses. Contudo, o facto de Celeste também o saber – quando, para lá do médico que a diagnosticara, mais ninguém sabia – anunciava, na professora, a mesma magnitude de transformação que o diabo do primo tinha causado, ao esmagar o caracol. Era uma regra fundamental, uma lei, até agora, inquebrantável que, de um momento para o outro, tinha sido trespassada e logo por uma menina incapaz de compreender as consequências das suas palavras.

- *“Como é que sabes isso?”* – Perguntou Alzira, recolhendo a coragem que lhe restava, na esperança de ainda surgir dali alguma explicação lógica, integrável no sistema agora em ruínas.

- *“Não sei.”* – Respondeu Celeste, visivelmente atrapalhada.

- *“Como é que podes saber uma coisa dessas? Ouviste alguma coisa aqui, na escola, alguém a falar sobre isso?”*

- *“Não... Quer dizer... Ouvi, sim.”* – De súbito, uma esperança de coerência impulsionou Alzira para a frente, agarrando a rapariga nos ombros e entregando-lhe a sua absoluta atenção. Celeste não tentou fugir, mas assolou-a um desejo intenso de ver a mãe a chegar pela porta da sala, para que pudesse voltar finalmente para casa.

- *“Quem? Conta-me!”* – Exigiu a professora.

- *“Não sei...”* – A resposta mostrou-se, de imediato, insuficiente, pois Alzira intensificou o aperto nos braços – *“Eu... eu ouço... Ouço uma voz enquanto as coisas estão a acontecer. E a voz diz-me mais coisas.”*

- *“Uma voz?”* – Perguntou Alzira, libertando a rapariga das suas mãos ao convencer-se, por fim, que não sairia daquela conversa da mesma maneira como começara – *“E estás a ouvir a voz, agora?”*

- *“Sim.”* – Respondeu Celeste, e Alzira voltou a estranhar a naturalidade com que acreditava nas palavras da rapariga, sem que a menor dúvida a assolasse. Fosse outra a criança, ou até outro o momento, e talvez se risse daquela situação, tal como os pais se tinham rido dela, aquando do trágico caracol – *“E o que te está a dizer agora?”*

- “*Está... está...*” – Celeste continuava a hesitar, a baixar o olhar, a constranger o corpo, em tudo expressando um desejo absoluto de se ver livre daquela conversa e, contudo, por alguma razão que não compreendia, desejava também partilhar aquele fardo com a mulher ao seu lado – “*Está a dizer que a professora acredita em mim... E que eu quero partilhar isto consigo, apesar de não compreender porquê.*”

- “*E que mais?*” – Insistiu Alzira – “*Disse alguma coisa sobre mim?*”

Entretanto, sem que nem menina nem a professora se apercebessem, a mãe de Celeste tinha chegado e, ao ouvir a voz hesitante da filha, travou o passo acelerado com que entrara no edifício e reteve-se, perto da porta, assombrada pela conversa.

Será, talvez, o momento ideal para introduzir a mãe de Celeste: Penélope. Afinal, tanto já se falou sobre o frio toque do vento com que Celeste veio ao mundo, mas ainda não se esclareceu como é possível que a criança não estivesse protegida, aquando do seu nascimento. O que leva uma mãe a dar à luz no meio da rua, por entre um inverno rigoroso? A resposta não surpreenderá: a rejeição. Contudo, não devemos sacudir as mãos e considerar o assunto despachado, como se não fosse já nossa preocupação tudo o que Penélope se viu forçada a atravessar. Se o fizermos, se colocarmos o assunto para trás das costas, não somos, na verdade, assim tão diferentes daqueles que cometeram os crimes. Afinal, como se diferencia, verdadeiramente, um criminoso e um indiferente? Responder-se-á que é o ato em si, pois o indiferente, em princípio, não atuou; contudo, bem vistas as coisas, não é a sua indiferença ainda um ato de violência contra a mesma vítima?

Penélope não pensava nestes termos; na verdade, todo o seu desejar apontava exclusivamente para a indiferença. Em vez de compaixão, amor, ou ações solidárias, queria ser indiferente para os outros e que os outros fossem indiferentes para ela; queria a insignificância de não ser digna, sequer, de um olhar, de um pensamento passageiro. No seu íntimo, sabia que, se não fosse a responsabilidade que tinha para com a filha – uma vez que, para bem ou para mal, a tinha trazido ao mundo –, já a sua vida teria conhecido um prematuro fim. Não foi, aliás, por falta de convicção que não o conheceu: desde que Penélope descobrira que estava grávida, parecera-lhe evidente que a sua morte teria de chegar em nove meses, ou então ver-se-ia condenada a uma vida longa de responsabilidades maternas. Ora, confrontada com estas duas vias – e reconhecendo que na sua terna idade, dezassete anos, não seria capaz de assumir quaisquer responsabilidades – encaminhou-se para a morte, num movimento de desdramatização,

tal como Alzira com o corpo do avô. De resto, entre as duas raparigas – que, de início, concluíram o mesmo relativamente à morte – só as separava a motivação de tal conclusão. Enquanto Alzira, como já se disse, desdramatizou a morte devido à postura da sua mãe agnóstica, inspirada pela metáfora da viagem sem bagagem; Penélope, por seu lado, teve dois pais profundamente devotos, e o efeito desta devoção, ao contrário do que se poderia esperar, não foi nem uma devoção igual, nem, num outro sentido, um ateísmo revoltado. O que gerou foi, na verdade, uma fixação absoluta. Ainda era Penélope uma mirrada criança, e já os seus olhos se iluminavam com as descrições do Céu paradisíaco possibilitado pela morte. De Jesus, dos apóstolos, dos evangelhos e das epístolas, pouco ou nada queria saber, nomeadamente se em nada a informavam sobre aquele destino celeste. De resto, não conseguia compreender o que motivava os outros seres humanos a caminharem na Terra, entregues aos seus afazeres quotidianos, enquanto algo tão puro e perfeito estava tão perto, tão alcançável – era só necessário morrer.

Ao longo dos anos, esta obsessão tomou dimensões incompreensíveis para a maioria, e criou um peculiar problema para os pais de Penélope. A filha, com um estado de espírito leviano e amável, anunciava a tudo e a todos o quanto ansiava por morrer, para que finalmente pudesse entrar no Céu; os pais, em parte confrangidos, em parte preocupados, procuravam esfriar o entusiasmo da rapariga, lembrando-a, uma e outra vez, que só a Deus cabia a decisão do fim da vida. Para Penélope, no entanto, o argumento era abstruso; pois, afinal, se o seu coração era puro, se amava todos e não odiava ninguém, se desejava estar mais próxima de Deus em vez de mergulhada num mundo terreno sem significado, como poderia Deus castigá-la? *“Se eu quiser morrer”* dizia ela *“não estou a magoar ninguém com a minha morte”*, ao que os pais respondiam *“e nós? Não achas que ficaríamos tristes se não estivesses aqui?”*, mas a resposta da criança deixava-os sempre abismados, *“mas vocês também podem morrer!”*.

Ora, os anos foram passando e Penélope, apesar de manter o desluminamento com a morte, foi alimentando um certo conforto com a rotina diária, confiando nas palavras dos pais e procurando demonstrar a paciência e moderação que tantas vezes lhe eram aconselhadas. As experiências que atravessava – os primeiros amores, as primeiras revoltas, as primeiras tentações –, embora a influíssem de emoções, estas eram sempre secundarizadas pela insignificância da matéria, do corpo, que em nada se assemelhavam aos seus desejos profundos da elevação da alma ao plano superior.

O ponto de inflexão na vida de Penélope – até então guiada por um único destino – impôs-se com o pequeno instrumento que lhe confirmou a gravidez inesperada, aos dezasseis anos. Esperar-se-ia que ela a tivesse mantido em segredo, recorrendo ao silêncio como proteção contra a vergonha e o sofrimento, mas, pelo contrário, foi no mesmo momento em que descobriu, que Penélope chamou pela mãe para a informar. A mãe chorou, desgraçadamente, o que invocou o pai que, primeiro, em choque, não conseguia tirar os olhos dos traços a sinalizar a catástrofe; depois, num ato de violência que nunca mais o deixou – assombrando-o quando, anos mais tarde, recordava aquele momento – esbofeteou a filha pela primeira e única vez, agarrou-a pelos ombros e abanou-a, sem clemência, exigindo-lhe o nome do outro pecador.

Atravessada esta reação inaugural, não se pode afirmar que a relação entre a família tenha, alguma vez, voltado ao normal. Penélope nunca acedeu ao pedido do progenitor de esclarecer quem era o pai da criança e, para todos os efeitos, a resposta manteve-se no segredo dos deuses. De uma forma algo inexplicável, a própria Penélope parecia desconhecer a verdade, pelo menos a sua memória recusava-se a ceder qualquer lembrança que pudesse resolver o enigma, o que significa, para nós, que o assunto pode apenas ser alvo de suspeitas, mas sem confirmação.

Talvez agora, no entanto, se torne mais clara a levandade com que Penélope considerava as suas duas vias: a morte, para ela, não só nada tinha de dramático, como, pelo contrário, simbolizava a passagem para a plenitude que ansiava desde criança. Claro que se poderá condenar esta posição, até porque Penélope carregava, no ventre, uma vida em crescimento, uma vida que terminaria em simultâneo com a dela. Contudo, correta ou incorretamente – esse julgamento compete a cada um fazer –, a verdade é que ela estava perfeitamente convencida que os seus desejos eram justificados. O suicídio após o nascimento seria uma violência, pois abandonaria a criança a um futuro incerto, principalmente quando já antecipava o desmembrar da família; e essa violência significava, segundo a sua fé pessoal, um impedimento a entrar no Céu. Antes do nascimento, no entanto, ao cortar o mal pela raiz, a sua morte preveniria um sofrimento muito maior.

Por entre tudo isto, uma outra razão crescia ainda no íntimo de Penélope, começando como a mais ínfima semente, plantada no preciso momento em que o instrumento lhe confirmou a gravidez, e que só ganhou expressividade meses depois. Estava deitada na sua cama, três semanas passadas da sua tentativa de suicídio ao ingerir

todos os comprimidos que conseguiu, antes de se deitar para dormir. Quando acordou, estava numa cama de hospital e, apesar de se sentir como se estivesse às portas da morte, milagrosamente, as suas ações não culminaram no que sonhara, nem para si nem para a criança. Onde sentiu as consequências, na verdade, foi na sua liberdade: desse dia em diante, viu-se forçada a ter sempre consigo uma sombra: o pai ou a mãe, por períodos curtos; ou a pessoa a quem eles pagavam para lhe fazer companhia, no resto do tempo. Foi junto dessa senhora – cujo nome os anos levaram da memória de Penélope – que uma vez afirmou essa tal outra razão. A senhora explicava-lhe as maravilhas da maternidade, como *“é a melhor coisa que pode acontecer a uma mulher. Ser mãe é tudo o que importa, não há nada igual. A menina vai ver – quando o bebé nascer, quando lhe puser os olhos em cima, vai entender o que eu lhe digo.”*

Penélope hesitou em responder mas, talvez motivada pela leveza espiritual que a medicação lhe causava, murmurou algumas palavras. A senhora observou-a, procurando perceber se Penélope tentava realmente comunicar, já que era comum ouvi-la a expressar sons desconexos enquanto dormitava. Apercebendo-se, no entanto, de que Penélope estava consciente, e curiosa com o que ela tentava dizer – até porque ainda não tinha escutado qualquer palavra da rapariga, desde que começara a acompanhá-la – aproximou o ouvido dos seus lábios, ao ponto de sentir o calor do hálito a acariciar-lhe a pele.

- *“O que vai ser de mim... de nós, se não morrermos?”* – As palavras, carregadas por aquela atmosfera doente e sombria, afastaram a senhora num movimento rápido, mas Penélope continuou, com um derradeiro vigor – *“Há... há algo de errado com ela.”*

- *“Com a sua filha?”* – Perguntou a senhora – *“O quê?”*

Penélope já não conseguiu descobrir forças para responder – de qualquer forma, sabia que, mesmo que tentasse, as suas palavras não teriam sentido. O que teria dito, não fosse a exaustão, era que conseguia ouvir a filha; no entanto, isso não seria suficiente para desvendar a experiência indescritível de *sentir* a filha a pensar, de como a *sentia* independente e segregada de si. Era sua e crescia no seu corpo, mas mais próxima estava de um parasita, a usá-la para nutrição, do que de uma amada criança. Estas estranhas sensações contribuíram, por isso, para a ideia de que a filha tinha uma origem profundamente maligna – ou seja, que o mal encarnara dentro de si, em forma de feto, e agora crescia no seu íntimo, preparando-se para vir ao mundo. Pensar-se-á que a preocupação de Penélope estava nas consequências do nascimento de tal criatura, das

desgraças que poderia vir a causar num mundo já predisposto a cair na tentação – e, se tal lhe fosse perguntado, talvez ela própria o afirmasse. Contudo, na realidade, a verdadeira fonte dos seus anseios era muito mais egoísta. Para lá do mundo, dos pais, da filha, Penélope temia que, ao dar à luz aquela criança, se fechassem eternamente os portões do Céu; que o seu lugar no reino paradisíaco fosse, para sempre, perdido.

Não voltou a falar com a tal senhora sobre o assunto, nem nunca soube se a sua confissão chegou aos ouvidos dos pais. De qualquer forma, a rejeição familiar já então se tinha substancializado; conforme a gravidez progrediu, a ausência dos progenitores dilatou-se cada vez mais no tempo, enquanto a senhora, pelo contrário, ficava com ela dias a fio, sentada ao seu lado, assumindo um papel algo fantasmagórico pois, para Penélope, parecia que ela estava sempre ali, sem dormir, sem comer. Na verdade, era Penélope quem constantemente perdia a consciência, adormecendo e, por entre sonhos febris que a aterrorizavam, despertava sem saber se o que via era a realidade ou só mais uma camada onírica. Delirava quase sempre com os pais, sem que, ao acordar, conseguisse precisar a narrativa em que os envolvera, só os seus rostos pulsavam ainda, por detrás das pálpebras.

A rotina de Penélope manteve-se sensivelmente a mesma até à noite do nascimento de Celeste. Despertou de madrugada, com as dores a projetarem-na violentamente para a realidade, onde ouviu, em ecos impossíveis, a voz da tal senhora a exigir-lhe que se levantasse.

- *“Tem de se despachar, tem de se despachar!”* – Exclamava ela, andando de um lado para o outro no quarto.

- *“O que está a fazer?”* – Perguntou Penélope, quando finalmente se conseguiu sentar na cama e viu a senhora a arrumar um conjunto de roupas numa mala.

- *“Estou a preparar a minha roupa.”* – Respondeu ela, com um tom algo distraído – *“Não se preocupe que a ambulância já está a caminho para a vir buscar.”*

- *“Não vem comigo?”* – Penélope sentiu, de súbito, uma solidão avassaladora.

- *“Não, menina. Os seus pais só me pagaram para ficar aqui até que a menina fosse ter o bebé.”* – A senhora terá vislumbrado o assombro na expressão de Penélope, pois acrescentou – *“Não se preocupe, vai correr tudo bem. Os seus pais já devem estar a caminho.”*

- “*Onde é que eles estão?*” – Perguntou Penélope, alimentando a pergunta com a mesma solidão – “*Não me consigo lembrar da última...*”

- “*Não sei, menina.*”

A resposta foi breve e incisiva, silenciando Penélope e esclarecendo que a empatia se esgotara, com o acréscimo anterior. Foi, por isso, em silêncio que, juntas, encaminharam-se para a porta de casa. Apesar do vento frio que se fazia sentir, aguardaram do lado de fora, por insistência da senhora, e foi de lá que viram chegar um carro negro, antes da ambulância. A janela desceu e, de dentro, uma voz masculina berrou qualquer coisa numa língua que Penélope não entendeu, mas os movimentos hesitantes da senhora, ao seu lado, esclareceram-lhe o significado.

- “*Pode ir, não se preocupe.*” – Disse Penélope, com um breve sorriso a embelezar a mentira. A senhora agarrou-lhe nas mãos e olhou-a num momento de intensa mas delicada atenção. Depois, confidenciou-lhe que ia “*correr tudo bem*” e afastou-se em passo rápido.

Penélope não a voltou a ver, nem tão pouco voltou a pensar nela, dado o tumulto dos meses seguintes. Já a senhora, por seu lado, pensou em Penélope muitas vezes depois daquele dia. Havia, afinal, um pormenor que as aproximava sem que Penélope alguma vez se tivesse apercebido: a tal senhora estava também ela grávida e, embora as suas intenções fossem puras quando, naquela noite, confidenciou que ia “*correr tudo bem*”, a frase revelou-se, na realidade, uma maldição. Para Penélope, já nós o sabemos, pois esta teve o seu filho na rua. Não sabíamos ainda, contudo, que o nascimento assim se deu pois Penélope fugiu desamparadamente, sem qualquer rumo ou plano, mal o carro negro desapareceu, ao fazer a esquina, e o silêncio se impôs, intolerável, no compasso de espera pela ambulância. Correu, por isso, pelas ruas até não mais conseguir, e quando as forças a deixaram, caiu no meio do chão alcatroado, envolvida pelo toque ríspido do vento gélido. Rezou, então, em desespero, para que Deus a levasse para junto de Si, para que a matasse ali, antes que o bebé nascesse e já nada pudesse ser feito. Como foi o caso na maioria dos momentos marcantes da sua vida, Penélope não reteve quaisquer lembranças desses violentos minutos; só soube, quando voltou a si, que a filha já tinha nascido, que estava bem de saúde, e que era necessário, agora, planear uma vida futura. A associação que a recolheu – mãe e filha – ajudaram-na a encontrar emprego e uma casa para as duas, enquadrando-se assim o contexto que as encaminhou para o encontro com Alzira.

Já no caso da tal senhora, a maldição só se manifestou pouco mais de um mês depois daquela noite. Tal como nos duas vezes anteriores e na seguinte, também esta gravidez teve um fim prematuro. Um aborto espontâneo, inexplicável, sem que qualquer sintoma físico pudesse esclarecer o motivo. Dois anos depois, a senhora foi mortalmente atropelada numa passadeira, o que conferiu ao marido os fundos para suprimir as dívidas que uma vida de excessos juvenis acumulara. Um ano depois, voltou a casar com uma jovem rapariga de vinte anos que lhe deu dois filhos e duas filhas, só vindo a morrer trinta anos depois, devido a tumores que lhe desfizeram o fígado. A sua segunda esposa contou aos amigos próximos que, perto da morte, o marido chorava como uma criança.

Ora, só agora podemos verdadeiramente compreender a relação atípica que estas três mulheres – Penélope, Celeste e Alzira – desenvolveram, ao longo dos anos. Naquela noite em que Penélope se atrasou para ir buscar a filha à escola e escutou, assombrada, a conversa de Celeste com Alzira, um primeiro passo deu-se na direção do desfecho. O segundo passo foi a aproximação forçada pela professora na pequena família. No entanto, agora que conhecemos Penélope, talvez a circunstância pareça bizarra; afinal, o que levaria alguém com tal amargura pela vida, a permitir a aproximação de uma professora bisbilhoteira? A resposta foi já aludida antes. É que Penélope, por mais que amasse a filha, temia-a em igual medida. Não tinha como ocultar essa realidade de si, nem mesmo com a sua destreza de ocultar memórias, porque, todos os dias, Celeste afirmava algo impossível de saber, perguntava algo sem cabimento para a cabeça de uma criança. Talvez alguns pudessem olhar para esta faculdade como um milagre mas, para Penélope, nada ali havia de maravilhoso. E a verdade é que – *quem sabe?* – não fosse a intervenção de Alzira na sua vida, talvez Penélope tivesse chegado ao extremo de modernizar os feitos de Medeia. Foi, afinal, o deslumbramento de Alzira com a rapariga, a sua profunda reverência por aquela criança, que abriu as portas – ainda que nunca completamente – para a alteração de perspetiva. Assim, aos poucos, o temor de Alzira foi dando lugar a um certo conforto, nunca pleno ou estável – tal como, de resto, sempre fora a sua experiência do mundo – mas que, pelo menos, ajudava-a a tolerar os infundáveis dias. Porquê infundáveis? Porque, mesmo tantos anos depois, a morte era ainda a única estabilidade que almejava, e a filha, a única prisão que a continha.

Parecemos estar agora em condições para uma revelação. É já do nosso conhecimento que, quinze anos depois daquela noite na primária, Alzira foi encontrada morta no seu apartamento pela polícia, alertada por Celeste. Contudo, dias antes desse

alerta, as três mulheres juntaram-se para ajudar a jovem rapariga a embalar os seus pertences. Terminado o ensino superior, conseguido o primeiro emprego, Celeste ia, por fim, emancipar-se – ou seja, sair de casa, sair da cidade onde crescera e dar início à sua vida, longe da mãe e da amiga de sempre. Este encontro – derradeiro – foi combinado e insistido por Celeste.

- “*Então... é o fim?*” – Perguntou-lhe Alzira, no dia anterior ao encontro entre as três.

- “*Sim.*” – Declarou Celeste, com o olhar a percorrer o apertado apartamento, questionando-se como poderia alguém manter-se são, ao existir num espaço assim, durante tantos anos – “*Será a última vez que estaremos todas juntas.*”

- “*E depois?*”

- “*Não sei.*”

Não era verdade; Celeste sabia que Alzira ia morrer, e sabia-o do mesmo modo como sabia tantas outras coisas: simplesmente sabendo-o. O que a levava a omitir essa informação era simples: Alzira, no seu íntimo, também o saberia, não sendo preciso as capacidades sobrenaturais de Celeste para o deduzir, tendo em conta o declínio consistente do seu estado de saúde. O cancro, que por tanto tempo se mantivera silencioso, quase um diagnóstico errado, estava agora alastrado, e consumia-a terrivelmente.

- “*Neste estado, não sei se consigo estar um dia inteiro com a tua mãe.*” – Disse Alzira, que sempre obrigara Celeste a manter segredo sobre a sua doença.

- “*Não achas que deverias dizer-lhe? É a última vez que a vais ver.*”

- “*Não.*” – Firme, sem hesitação – “*A tua mãe tem medo da morte.*”

- “*E tu? Não tens?*” – Perguntou Celeste.

- “*Eu?*” – Um saudoso sorriso – “*Agora já não.*”

O dia seguinte decorreu como Celeste previra: Alzira rejuvenesceu, durante aquelas horas, carregando caixas e desconstruindo móveis; Penélope albergou o rosto simples que sempre surgia nos momentos bons, despojado da ansiedade e hesitação dos restantes; e Celeste esqueceu, por entre aqueles momentos, tudo o que inexplicavelmente

sabia, na azáfama do movimento e das vozes. Já o sol imenso tingia o céu de um laranja vivo, quando terminaram de carregar o carro.

- “*É agora.*” – Disse Celeste, com as duas figuras maternais da infância à sua frente – “*Tenho de ir, senão nunca mais lá chego.*”

De resto, reinou o silêncio. A filha abraçou a mãe, a mãe conteve as lágrimas incertas, e a professora abraçou-as às duas, chorando desavergonhadamente. Depois, Celeste entrou no carro, fechou a porta e, sem conseguir tolerar a visão que o retrovisor lhe oferecia, acelerou para longe da sua infância.

Era já noite cerrada, quando chegou à nova cidade, à nova rua, ao novo apartamento. Exausta da viagem e do dia longo, carregou apenas parte das caixas para cima, deixando o resto no carro, e deitou-se sobre o colchão nu, sem qualquer lençol ou cobertura. Adormeceu quase de imediato e por toda a noite dormiu, sem sonhos que a atormentassem ou sons que a despertassem. No entanto, num profundo contraste com esse sereno vazio onde a noite se prolongou até ao seu natural fim, a manhã despertou-a com um som agreste e violento. Na verdade, ao abrir os olhos, já o som tinha terminado e apenas um eco silencioso se preservava.

“*A minha mãe está morta.*”

A ligação entre o som e o pensamento parecer-nos-á incompreensível, inadmissível até; contudo, para Celeste, não restava a menor dúvida. Sabia-o, simplesmente. A mãe estava morta, Alzira estava morta. Existiria uma ligação tão poderosa entre as duas mulheres, a existência de uma de tal forma vinculada à outra, que até na morte, involuntariamente, escolheram o mesmo momento, o mesmo fatal segundo. Claro que Penélope, ao contrário de Alzira, escolhera morrer e escolhera-o precisamente por acreditar que a ex-professora se manteria cá. Munidos da história da sua vida, ser-nos-á, agora, compreensível esta decisão: com a filha criada e fora de casa, com Alzira como segunda mãe e fonte de apoio incondicional, Penélope era, por fim, livre. Podia morrer sem remorsos pelo que deixava para trás. Talvez a alguns de nós, mais atentos, esta predisposição para a morte nos recorde as palavras de Alzira, ainda há pouco. *A tua mãe tem medo da morte*, dissera ela a Celeste, acreditando piamente no que dizia. E, no fundo, tinha razão; Penélope temia realmente a morte, mas sobre a razão por que a temia, Alzira nada sabia. Nós já sabemos que Penélope temia não entrar no Céu, temia ter queimado a ponte que lhe permitiria a passagem para o reino paradisíaco. Alzira, contudo, mesmo

nada sabendo, reconhecera, já há muito, um temor latente naquela mãe abandonada. Sentia-o em todos os seus gestos, todos os seus olhares, como se carregasse, em si, um peso profundo e sombrio, oculto até dela própria, mas que, aos poucos, a consumia. *Esta mulher sou eu*, pensou, tantas vezes, Alzira, reconhecendo a semelhança entre o seu cancro, segredo conservado de todos, e o peso inconformável que dominava Penélope.

“*E agora?*”, pensou Celeste, tomada por uma intensa sobriedade.

Só agora se manifesta, verdadeiramente, a complexidade da relação entre estas três mulheres. Quem as visse na rua, caminhando calmamente e conversando, como tantas vezes fizeram, não pensaria muito no assunto ou, mesmo que o fizesse, rapidamente concluiria tratar-se de um grupo de amigas próximas, confortáveis na companhia umas das outras. Não desconfiaria, por isso, de como Alzira e Penélope, silenciosamente, partilhavam o peso da existência, e essa partilha – nunca expressa entre as duas – aproximava-as muito para além da materialidade dos corpos. Não desconfiaria, também, do amor conflituoso que ambas tinham por Celeste. Alzira, por seu lado, via-a e amava-a como a uma filha, mas também a tinha por salvadora, divinizando as suas capacidades sobrenaturais a uma tal dimensão que só poderia ser comparado, por contraste, com o temor que estas causavam em Penélope. A mãe também amava a filha, é certo, e amava-a desde o primeiro momento em que o seu olhar recaiu sobre o enfezado, indefeso corpo, acabado de nascer. Contudo, nunca esse amor tinha conseguido manifestar-se, na sua essência, na relação entre as duas, ao surgir sempre já contaminado, já impuro. Essa realidade magoava profundamente Penélope pois, apesar dos momentos em que observava a filha e, num ápice momentâneo, insurgia-se esse força enternecedora, as suas palavras e os seus gestos carregavam sempre já a mancha do ódio e da culpa, indeléveis.

Ora, por tudo isto, o tal sujeito que as observasse na rua, não desconfiaria, finalmente, da ambiguidade que atravessava Celeste, quer na relação com a mãe, quer com a professora. Essa ambiguidade tornou-se evidente ali, deitada na cama, confrontada com a realidade da morte delas. Afinal, não é curioso como construímos estes impérios; como cada pessoa tem uma versão própria do paraíso, dos sonhos que almeja com maior ou menor esforço mas que sempre residem como exaltações do ser, abstrações que nos dão algum sentido, alguma ambição de cumprimento da árdua tarefa de ser espelho divino. No entanto, assim que colapsa a rede, assim que, num fôlego, o fim rasga um universo de muralhas e se depara connosco, solene e absoluto; assim, subitamente, caem por terra os sonhos, os almejos de infindáveis, os pretextos que sustentam o sofrimento

dos dias, e queremos só viver. Não morrer. Haverá algum soldado, enterrado nas trincheiras, envolto pela morte, que se aborreça indiferente? Que veja os seus companheiros morrer, trespassados pela violência das balas que rasgam a carne, os órgãos vitais, e pense “*curioso como morrem tão facilmente!*”?

Para Celeste, a experiência foi também esta. A infância, apesar de todos os momentos felizes, tinha sido marcada pela ambiguidade destas relações primordiais. Por isso, ao partir de casa, ao vê-la desaparecer na periferia da sua visão, enquanto conduzia em direção a um novo começo, não pôde evitar que um certo alívio a influísse, ocultado porém pela melancolia da despedida. Sentiu-se, pela primeira vez, verdadeiramente livre, já não mais escrava das esperanças e decepções que Alzira e a mãe, involuntariamente, tantas vezes lhe impuseram. Agora, contudo, confrontada com aquela certeza medonha, tudo o que desejava, era poder ouvir uma vez mais, que fosse, a voz da mãe, de Alzira, ver os seus rostos vivos, os seus olhos a segui-la e a acariciá-la, nos seus jeitos particulares. A mágoa, solene e profunda, atingiu-a com tamanha intensidade que nem lhe permitiu qualquer movimento, qualquer som. Imiscuída no silêncio, foi testemunha da invasão da sua mente, repetindo-se imagens das duas mulheres, mortas, deitadas também elas nas suas camas, mas com o olhar opaco, insciente, a encarar a total ausência, a solidão do último salto.

A consumação do primeiro movimento só se deu quando as imagens cessaram, naturalmente, como o desligar de um televisor. Só então, o íntimo de Celeste pôde finalmente integrar-se no silêncio do apartamento, e talvez pela primeira vez na vida, a jovem mulher sentiu-se verdadeiramente humana. A sua capacidade sobrenatural – a voz que lhe narrava factos – tinha emudecido, e pareceu-lhe, de súbito, que nada sabia, que nunca tinha sabido nada. O futuro, cada segundo por vir, ao assumir o papel do maior mistério, capaz de albergar toda e qualquer mudança, foi pela primeira vez experienciado por Celeste de uma forma completa, ao erguer o corpo da cama. Não é que antes soubesse tudo o que ia acontecer mas, uma vez que a voz lhe narrava os eventos futuros, tinha sempre consigo a confiança – ainda que irrefletida – do prolongar da vida. A morte não chegaria, enquanto os vislumbres do futuro continuassem a serem-lhe sussurrados ao ouvido. Agora, contudo, ao erguer o corpo, fê-lo com base numa fé selvagem, pois não tinha qualquer certeza se, a meio do movimento, o coração, o sangue ou qualquer outro órgão não estagnaria. Sem qualquer justiça ou perdão, de forma tão trivial, quase cómica, podia simplesmente morrer, e também ela, como a mãe e Alzira, ser eventualmente

descoberta assim, deitada na cama, com o olhar vítreo a encarar a surpresa da vida poder verdadeiramente terminar sem redenção.

Celeste inspirou fundo, de súbito, como se o corpo exigisse oxigénio após um longo período submerso. Então, e sem que soubesse a razão, vestiu-se e saiu do apartamento. Entrou no carro, ainda carregado com as caixas do dia anterior, e conduziu sem qualquer destino em mente. Lá fora, a realidade acelerava com o veículo, atravessando o campo visual de Celeste como uma pintura em distorção, arrastando as cores e as formas para o indefinível. Ela própria, imiscuída no movimento, sentia-se também arrastada, distorcida, capaz apenas de reter as molduras, enquanto o seu íntimo, em vez o de um ser humano, no modo habitual como sempre o entendera, era agora tão-só um ponto de passagem do mundo, um palco para tudo o resto. Acelerou, onde pôde, até ao limite que o carro lhe permitia, porque apreciou este estado de abandono, e quanto mais acelerava, mais o mundo a atravessava, a usava, a destituía da sua centralidade.

Não demorou para que a civilização ficasse para trás, saindo da cidade e começando, pouco depois, a subir por entre curvas e contracurvas. A certo ponto, deixou de se cruzar com outros veículos, sequer, permanecendo apenas a estrada, à sua frente, e a floresta, ao seu lado, a enriquecer os abismos íngremes da montanha em ascensão. Quando, por fim, parou, fê-lo por sentir que já não conseguia mais manter o seu próprio pensamento afastado. Por toda aquela viagem, tinha conseguido escapar-lhe, com as curvas agrestes e a velocidade a auxiliarem na preservação da distância. Contudo, foi apenas momentâneo; quando se apercebeu, já novamente o tinha em si, recordando-a de quem era e segregando-a do mundo. Pressionou, então, o travão e encostou o carro na berma da estrada, a poucos centímetros de uma queda infinita.

- *“Aqui, é como se os humanos não existissem.”* – Disse ela, após sair do carro e posicionar-se no limite da estrada, onde um só passo, uma brisa que a empurrasse, seria suficiente para uma morte violenta. Falou ruidosamente, pois sabia que ninguém ali havia para a ouvir, e apreciava os ecos da sua própria voz – *“Enquanto mantiver o olhar ali, é como se os humanos não existissem.”*

À sua frente, o vento fazia oscilar as árvores, e as folhas usufruíam dessa energia para dançar ao som do canto dos pássaros. O movimento não era homogéneo – ou seja, nem todas as árvores se moviam do mesmo modo – mas também o canto das aves não o era, pelo que, cada árvore, cada folha, parecia atentar sobre uma ave diferente, oscilando

ao seu próprio ritmo, conforme o som as atravessava. Celeste mergulhava em cada um destes movimentos mas, como um golfinho ou uma tartaruga, via-se forçada, de tempo a tempo, a voltar à superfície, a expulsar as aves e as folhas do seu íntimo e a recordar-se de quem era. Depois submergia, novamente, e apagava-se a identidade.

- *“O privilégio de estar aqui – de ser o tempo e o espaço onde o mundo se manifesta – é o único paraíso.”* – As palavras nasceram-lhe, ecoando, num instante de afloramento – *“A minha vida será o que será, daqui para a frente; mas sempre para além disto – nunca antes, nunca em vez.”*